



Centro de
Gestão Agrícola
de Barcelos

Faça-se sócio

Boletim do Centro de Gestão
Agrícola de Barcelos nº 6
(trimestral) Junho 2005



Centro

DESTAQUES

Formandos visitam Santarém e Lugo (Galiza)

Os formandos do curso de Empresários Agrícolas visitaram a Feira Nacional de Agricultura, em Santarém. Os cursos de Agricultura Biológica e Empresários Agrícolas estiveram recentemente numa exploração de produção biológica de leite e derivados em Lugo, na Galiza.



Associados visitaram Silleda

Cerca de meia centena de associados e familiares visitaram no sábado, 18 de Junho, a Feira Agrícola de Silleda, na Galiza. Foi a segunda vez que o Centro de Gestão organizou uma excursão àquela Feira que teve na mostra e concurso de gado leiteiro uma das principais atracções.



Direcção do CGAB reuniu com presidente da Câmara

O presidente da Câmara Municipal de Barcelos, Fernando Reis, recebeu a Direcção do Centro de Gestão Agrícola. Durante o encontro, que teve lugar a 22 de Abril, foram abordados assuntos do interesse dos associados do Centro.



Maria Alice Sá (Palme), Maria de Lurdes Miranda (Fornelos), Maria de La Salette Vilas Boas (Mariz), Idalina Rocha (Sequeade) e Maria Martins (Courel)

Mulheres agricultoras: lutadoras e realizadas





O papel da mulher na agricultura do Entre Douro e Minho

A grande maioria das explorações agrícolas da região de Entre Douro e Minho tem uma dimensão familiar no sentido de que asseguram apenas o emprego permanente ou temporário dos elementos do agregado familiar e os rendimentos aí gerados são totalmente necessários à sustentação da família que, por vezes, ainda tem de recorrer a outras fontes de rendimento complementares de forma a garantir um mínimo de qualidade de vida.

Tradicionalmente a primeira função destas explorações consistia na produção dos bens alimentares ou outros para consumo directo da família, só sendo produzidos e ou colocados no mercado os bens ou produtos que excediam as necessidades familiares.

Ora as necessidades da família são obviamente determinadas pela mulher do agricultor na sua qualidade de dona de casa competindo-lhe por isso decidir, em primeiro lugar, quais os bens essenciais a produzir na exploração e, em segundo lugar, quais os que podem ser dispensados para serem colocados no mercado. Para

o marido estão reservadas a execução das tarefas que exigem maior esforço físico e ainda a procura de rendimentos complementares fora da exploração quando esta não garante o mínimo de subsistência.

Neste contexto o papel da mulher na agricultura do Entre Douro e Minho tem sido e é determinante de tal modo que a DRAEDM, durante os anos oitenta do século passado, aquando do esforço de preparação da região para a adesão à então CEE e posteriormente para assegurar uma melhor integração teve que criar acções específicas de formação profissional para as mulheres dos agricultores.

Hoje em dia e, numa linha de continuidade, a mulher minhota para além de continuar a assegurar ou pelo menos a participar de forma decisiva nos principais

actos de gestão da empresa agrícola passou também a executar as tarefas mais complexas que a actividade agrícola exige com ou sem a ajuda de máquinas.

A ordenha mecânica, a condução de tractores agrícolas e a manipulação das mais complicadas alfaías são tarefas que hoje constituem o dia a dia de muitas mulheres minhotas numa forma perfeitamente natural.

A maior parte do leite, o vinho verde, as hortícolas e a fruta, a carne e tantos outros produtos agrícolas de qualidade que aparecem no mercado tem por trás o esforço, a inteligência e o carinho das mulheres agricultoras do Entre Douro e Minho.

Adelino Carlos Vilela Pereira Portela

Director Regional de Agricultura de Entre Douro e Minho

PUB

REPTRACTOR

Alves Ribeiro & Filhos, Lda

Representante dos tractores

CLAAS Kubota



Rua da Lagoa, 365 · Macieira
4485-378 Vila do Conde
Tel.: 252 661 739
Fax: 252 662 377
E-mail: reptractor@iol.pt

PUB



captação de água e furos artesianos, lda

para si
temos a solução



Rua Duques de Bragança, 215 · 4750-272 BARCELOS · Tel.: 253 817 777 · 969 512 070



Prevenir os incêndios florestais

A floresta portuguesa constitui uma riqueza ambiental, social e económica de enorme importância para o país e para as gerações vindouras. Apesar da sua enorme importância, a floresta nunca foi encarada como uma efectiva prioridade nacional, apesar dos substanciais recursos públicos investidos nos últimos anos.

Em causa estão as características da nossa floresta, onde cerca de 87% da área está nas mãos de privados, em que a estrutura fundiária é caracterizada pelo minifúndio e as manchas florestais estão pulverizadas em pequenas “bouças”, onde o produtor florestal é normalmente absentista e não depende economicamente dessas explorações. Para além disso, verifica-se uma intensa presença humana na paisagem rural que consequentemente aumenta o risco de incêndio, o que contribui para que se torne num dos maiores constrangimentos a uma gestão e um ordenamento florestal equilibrados.

A ausência da valorização económica da floresta será sempre um factor indutor da sua degradação.

Assim, os incêndios constituem uma das principais fragilidades do sistema florestal português. Estes resultam dum clima com períodos quentes e sem pluviosidade (que deixaram de se confinar ao Verão devido às alterações climáticas), associados a índices elevados de combustível acumulados nas matas, tornando a floresta excessivamente vulnerável, pondo em risco o ecossistema.

Com o aumento das áreas ardidas nos últimos anos, o debate público sobre a floresta começa a ser um assunto de interesse, não só após as épocas de incêndios florestais, mas durante todo o ano.

Urge, assim, responder às carências do sector prosseguindo com políticas imediatas que promovam a gestão e

o ordenamento sustentado do património florestal, apoiando e dinamizando os proprietários florestais que pretendam implementar práticas silvícolas adequadas, bem como responsabilizar os proprietários que abandonam as suas áreas ou que realizem práticas silvícolas inadequadas, para a preservação dos espaços florestais.

Paralelamente, deverá ser privilegiada a prevenção de incêndios florestais, em detrimento do que se tem vindo a verificar nos últimos anos, em que os maiores esforços têm sido centralizados no combate.

Com o aparecimento da Associação Florestal do Cávado, em 1996, promovida e gerida por proprietários privados, um grande passo terá sido dado visando o fomento da gestão e ordenamento das áreas florestais dos privados. A Associação surgiu com o objectivo de promover a união entre os proprietários de forma a que os seus interesses tenham um porta-voz legítimo, bem como oferecer aos seus membros apoio técnico que lhes permita gerir melhor as suas áreas florestais, em colaboração directa com as entidades públicas da fileira florestal. Só desta forma organizada será possível preservar, organizar e aumentar as manchas florestais, diminuindo desse modo o número de ocorrências de incêndios florestais, diminuindo também a área ardida por deflagração, através de boas práticas silvícolas, e olhar para a floresta como um bem da Humanidade.

André Rebelo,

técnico da Associação Florestal do Cávado

Ficha Técnica

Propriedade: Centro de Gestão Agrícola de Barcelos
Direcção: Alberto Teixeira de Carvalho

Design: Isto é, comunicação visual, Lda
Impressão: Barcelgráfica, Tipografia e Litografia, Lda
Tiragem: 1.000 exemplares
Esta obra foi impressa em papel reciclado

Contactos



Rua Dr. José António Peixoto Pereira Machado,
400 · Bloco A · Loja 1 | 4750-309 BARCELOS
Tel.: 253 824 543 · Fax: 253 823 699
Telem: 968 019 099 / 917 074 943 / 939 796 205
E-Mail: geral@cgab.pt · www.cgab.pt



Mulheres agricultoras

Portugal é o país da União Europeia com maior percentagem de agricultoras. Os números mais recentes do Instituto Nacional de Estatística indicam que em 2002 existiam em Portugal 639 200 indivíduos registados na agricultura, dos quais 50,1% eram mulheres. As estatísticas também dizem que as mulheres são um terço dos jovens agricultores. Apesar de as mulheres sempre terem tido uma importância fundamental na agricultura, a gestão e liderança das explorações agrícolas continua maioritariamente entregue aos homens. Entre os associados do Centro de Gestão há cerca de meia centena de mulheres que se destacam por exercerem esses papéis de liderança e de gestão. Fomos saber quem são e o que fazem algumas delas.

Maria Alice Cunha de Sá reside em Palme e é filha de agricultores. Durante quatro anos, depois de ter frequentado o curso de empresária agrícola e até iniciar o projecto, trabalhou numa fábrica. Há três anos estreou-se na produção de hortícolas. “Já fiz o curso em 1998. Na altura não foi com ideia para nada disto, foi mais um ir lá para ficar feito. Tínhamos gado de leite, mas não dava para meter um projecto, não tínhamos condições. E agora surgiu isto. Pude ter essa ajuda financeira para começar, que é muito importante. Não teria conseguido de outra maneira porque é um investimento muito grande”, conta com a filha recém nascida ao colo. A ligação com a horticultura começou “através de um vizinho que tinha hortícolas que pediu ajuda na força da colheita e nós fomos lá ajudar”. Actualmente, com a ajuda dos pais, produz tomate, pimento, feijão verde, alface, courgete. “Um bocadinho de cada coisa conforme o que for solicitado pelo intermediário e pelo mercado”. A jovem diz que foi decisivo “saber à partida que conseguíamos escoar tudo aquilo que produzíamos e que tínhamos um apoio técnico da parte de quem nos escoia os produtos. Senão acho que não tinha cabeça para me meter numa coisa destas, sem ter a certeza que escoava tudo”.

Maria Alice mostra-se “satisfeita e realizada. Não estou arrependida nem de ter deixado a fábrica nem de me ter metido nisto... claro que há momentos bons e momentos menos bons, mas no fundo gosto do que faço”. Diz que nunca se sentiu discriminada por ser mulher. “Quando comecei a ir levar os produtos, eu e a minha mãe éramos praticamente as duas únicas mulheres a ir lá. Hoje em dia há um aumento muito grande de mulheres, gente nova.” Determinada,

pensa “que cada vez mais há igualdade de oportunidades. Depende de como nós mulheres encarámos isso. É mais complicado porque também temos outras responsabilidades, mas se a gente realmente quer acaba por trabalhar para isso e por ter as mesmas oportunidades que os homens. Nunca deparei com obstáculos, acho que as pessoas até aplaudem e vêem com bons olhos.

Não... aqui no caso os homens não servem para determinados tipos de trabalho. Por exemplo, apanhar pimento padrão é uma coisa que normalmente as mulheres fazem muito melhor. Porque é preciso mais cuidado, mais atenção, eles aldrabam, não têm aquele cuidado certinho.”

Maria de Lurdes da Silva Miranda tem 46 anos e vive em Fornelos com o filho Néilson. O marido é emigrante no Canadá há 25 anos. “Vivi sempre nisto. Fui criada com uns tios que tinham lavoura. Aprendi... e desde que me casei vivi sempre nisto. Comecei com uma vaca, há 26 anos. O meu marido foi para o estrangeiro. A princípio estava clandestino, depois quando ele ficou legal eu já tinha a vida aqui meia formada. O rapaz veio para cima, tirou o 9.º ano, não quis seguir a escola e veio trabalhar para a terra. Se ele não tivesse tanta paixão por isto eu já tinha abandonado. Ele agora faz mais do que eu”. O filho é o orgulho e o “braço direito” de Maria de Lurdes. “Não tenho mais ninguém. Sou eu e ele... Para mim isto chega, mas sonho em vê-lo seguir para a frente uma vez que ele tem gosto nisto. Gostava que ele estudasse e seguisse uma profissão diferente da minha, mas uma vez que ele não quis seguir sinto-me contente porque ele gosta disto e ajudamo-nos um ao outro”.

A rotina diária de Maria de Lurdes começa com a ordenha de 30 vacas. Depois trata dos outros “bichos”. Cozinhar e “arrumar o resto das coisas” são tarefas de todos os dias. Nos tempos livres gosta de “cuidar da casa. Quando posso vou para a praia. Só que nós, lavradores, temos um mal: àquela horinha temos que estar aqui, não temos fim-de-semana”.

Maria de Lurdes não se queixa da vida que tem. “Sinto-me bem naquilo que faço. Se eu não estivesse bem aqui, com o marido no estrangeiro amarrava na mala e ia”.

Para Maria de Lurdes, houve uma evolução na forma como as mulheres são encaradas na agricultura. “Dantes era diferente, quando eu fui criada com os meus tios Deus me livre de as mulheres amarrarem num tractor. Agora é igual”. A propósito conta uma peripécia por que passou: “Fui aprender a lavar de noite, sozinha. Não tinha quem lavasse e eu amarrei no tractor às seis da manhã e fui para o campo lavar que era para ninguém se rir de mim. Se fosse de dia todo o mundo se ria e então deixei-me ir de noite. À segunda já fui de dia, mas lavei.”

Enérgica e lutadora, Maria de Lurdes não tem feito para se acomodar. “O que menos tive, sempre, foi dinheiro e medo. Uma vez, na Cooperativa, dei uma chapada num. Eu estava à espera de preencher uma ficha e ele deu-me uma apalpadela. Eu virei-me para trás e mandei-lhe uma chapada, ele não fez caso, não reclamou”.

A agricultora diz que enquanto mulher nunca sentiu “tratada de maneira diferente. Sempre estive habituada a ir para aqui ou para ali, não digo que às vezes não venha um por trás que dê uma risada, mas eu porto-me no meu lugar... nunca tive queixa do sexo oposto”.



“A mulher nunca pára, anda sempre”

Maria de La Salette da Silva Vilas Boas, começou a trabalhar na produção de flores com os pais, em Mariz. Aos 35 anos, mãe de três filhos (com 14, 11 e 9 anos), diz que os seus dias são passados “muito a correr, não tenho horas para nada. Nunca tenho um dia pré-destinado para isto ou para aquilo”.

Depois de casar começou a fazer arranjos de flores “e a vida começou a ser mais atarefada porque chega aqui uma pessoa e tenho que deixar o trabalho lá fora (nas estufas) e vir atendê-la. O trabalho de florista é sempre a correr, sempre em cima da hora e o tempo é curto”. A organização do trabalho é da responsabilidade de Maria de La Salette. “A parte de adubações, de preparar a terra e sulfatações é mais com o meu marido. Mas saber o que vou plantar e onde é mais comigo”.

Maria de La Salette diz que tanto gosta da produção como do trabalho de florista. O mais lhe agrada é a parte final. “Se está bonito e as pessoas estão satisfeitas. Normalmente gosto do que faço e acho que quando a pessoa gosta do que faz, faz bem”.

Com uma família numerosa, o trabalho e as canseiras dobram. “Tenho uma senhora a trabalhar em casa comigo senão eu tinha que arrumar ou desistir. Não conseguia”.

Diz que não tem “razão de queixa”, que nunca se sentiu tratada de forma negativa por ser mulher.

Se pudesse voltar atrás, “decerto tinha escolhido outra actividade... é complicado, faço o trabalho que gosto, mas às vezes desanima. Porque chega-se agora a esta altura e há muito trabalho, trabalha-se muito e não é compensatório. É um trabalho bastante ingrato. Nunca temos tempo, não há horários. É muito cansativo. Tem alturas de mais desânimo e outras em que até se fica contente e supera-se isso tudo”.

Idalina Costa Nogueira Rocha tem 52 anos, é viúva e mora em Sequeade. Nasceu num tempo em que os filhos eram sobretudo vistos como braços para trabalhar na terra. A professora primária chamou o pai para lhe dizer que era um crime Idalina não continuar a

estudar. Apesar das capacidades intelectuais para “contas e história”, Idalina não fintou o destino. “Sou filha de agricultores de Fradelos, de novinha comecei logo a andar com os tractores e a trabalhar na terra. Nunca estranei nada disto, foi sempre a minha vida”.

Muito expansiva, é com entusiasmo que fala do seu modo de vida. “Gosto da minha profissão. A minha vida foi isto e se calhar não voltava atrás... vou tirar o leite a cantar, entretida, porque gosto daquilo que faço e o meu filho é na mesma... tem que haver gente para tudo, não é?” A filha mais velha tem 26 anos e é licenciada em Arquitectura.

Idalina levanta-se às 6 da manhã e vai fazer a ordenha. “Arrumo o gado, vitelos ponho tudo pronto e depois é fazer a minha vida de casa. Ao fim da tarde, à horinha certa, há que começar outra vez”.

Às mulheres reconhece as mesmas capacidades que os homens. “Também sei pagar no tractor e andar para a frente, fazer qualquer trabalho. Eu fiquei sozinha, viúva, e consegui dar a volta a tudo. Agarrava no tractor, ia com a cisterna, punha fossa nos campos, fazia tudo.”

Sobre a forma de estar o papel das mulheres agricultoras, não tem dúvidas: “Acho que as mulheres são mais aplicadas, agarram-se mais. Não digo que na lavoura os homens não tenham mais um bocadinho de jeito que nós, mas em contrapartida nós trabalhamos no campo e em casa. A mulher tem muitos mais encargos, trabalha muito mais.”

O meu marido é que andava mais na frente de tudo e eu ficava mais em casa. Ele é que tratava de tudo em Barcelos, até que tive que ir eu, tive de tratar de tudo. Nunca me senti discriminada por ser mulher. A mulher hoje também tem muito valor na sociedade.”

Residente em Courel, **Maria Costa Campos Martins**, 34 anos, frequentou “o curso de Empresa Agrícola com a ideia de seguir a produção de leite”. Quando andava no segundo ano, “um engenheiro começou a incentivar-me e eu inicie a produção de hortícolas”. Produz meloa, alface, tomate, pimento, batata, várias

variedades de couve, feijão verde.

“Começo às seis e meia, sete da manhã, largo à uma, almoço, às duas recomeço e é até à noite.”

O mais novo dos três filhos de Maria ainda é bebé. E não é nada fácil conciliar a jornada de trabalho nas estufas com a de mãe. “É muito difícil porque uma pessoa chega muito cansada e depois à noite querem ajuda nas coisas da escola, nos deveres. O mais novo tem ano e meio. Tentei adaptá-lo ao meu ritmo. Comecei a habituá-lo a dormir a manhã toda. Não o deixo dormir até às quatro e meia. Nos dias de mercado quando estou a embalar ele está por aqui comigo e entretém-se. Não posso andar com ele atrás de mim porque ele foge e estraga as plantas”.

Com as filhas mais velhas foi diferente, mas depois “ele teve de ser assim por causa do horário do mercado. Ponho-o a dormir a sesta a partir das quatro e meia e depois a minha mãe toma conta dele. Quando acordada, entretanto já estou cá. Ele teve que se adaptar um bocado ao meu trabalho e a minha mãe também colabora”. Maria tem “dois trabalhos, é a jornada do campo e a jornada da casa. Os homens chegam a casa e querem a comida e roupa lavada. A mulher tem de pensar aqui e pensar na casa. Eu sou a responsável, o meu marido trabalha fora. Ele colabora, mas diz que este é o meu emprego. É muita responsabilidade e ainda mais trabalho.”

Maria acha que na “horticultura, a mulher é muito mais habilidosa, tem muito mais calma, sabe lidar melhor com as plantas. O homem gosta das coisas mais rápidas, não tem paciência.

Gosto de plantar, capar, colher, levar para o mercado e vender.” De Abril até Agosto “são muitas horas de trabalho, muita tensão, pouco descanso. Forneço três hotéis e são horários a cumprir, exigências... às vezes dá para desesperar”.

Maria diz que não tem tempos livres, “a não ser às vezes um bocadinho ao domingo à tarde. Quando posso gosto de passear e conviver com pessoas amigas”.

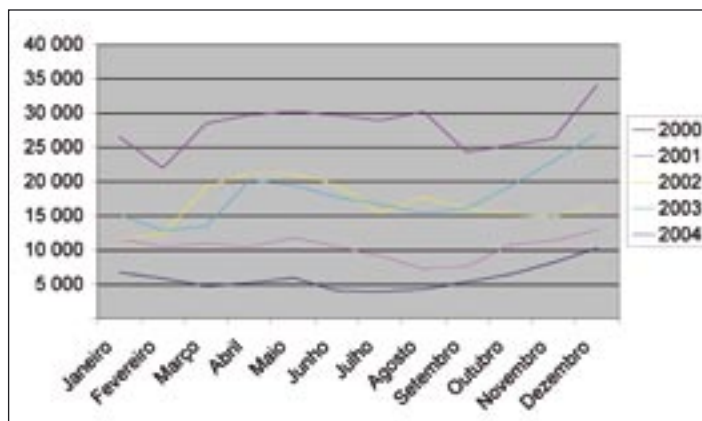
Estudo estatístico sobre a produção de leite

Desde o início do ano, o CGAB – Centro de Gestão Agrícola de Barcelos está a levar a cabo um estudo sobre a produção de leite dos associados do Centro. Com este trabalho pretende-se analisar as quantidades e valores anuais, assim como a média do valor pago por litro de leite, produzidas mensalmente por cada associado e a evolução registada por essa mesma produção nos últimos cinco anos.

O estudo inclui a recolha e tratamento estatístico de dados relativos a todos os sócios que se dedicam à produção leiteira.

Este trabalho está a ser realizado por Paula Barros, licenciada na área de Matemática e estagiária no Centro, com a orientação da engenheira Rosa Barbosa. A título de exemplo, mostramos, através de gráficos, a evolução registada nos últimos cinco anos por um dos produtores abrangido pelo estudo.

O gráfico seguinte mostra a oscilação ao longo dos anos, desde Janeiro até Dezembro, dos anos em estudo.

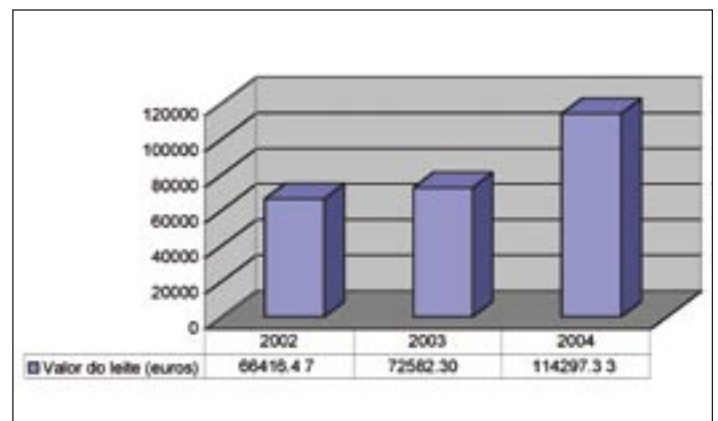
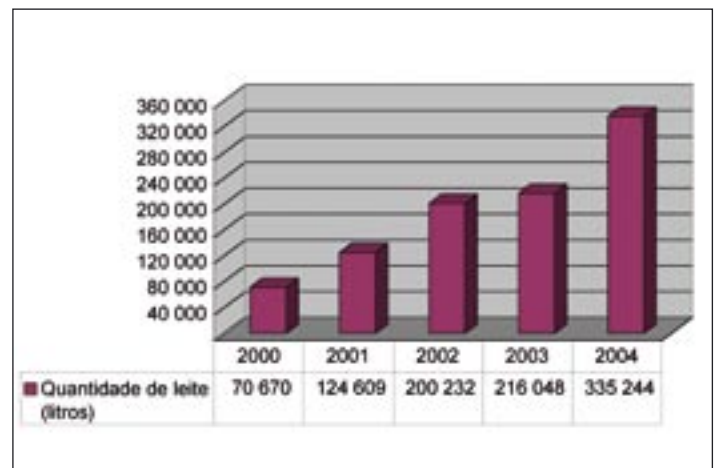


Como se pode observar no gráfico, entre Agosto e Setembro, verifica-se uma diminuição da produção entre Abril e Julho a produção tem tendência a manter-se mais ou menos constante.

Em Fevereiro verifica-se uma baixa acentuada que se deve ao facto de o mês em causa ser o mais pequeno do ano.

Os gráficos seguintes referem-se às quantidades produzidas e aos montantes recebidos.

Como se pode ver neste gráfico, desde o ano 2000 até 2004 verifica-se um aumento considerável (474%) da produção de leite, acentuando-se mais do ano 2003 para 2004.



Através da análise comparativa dos dois gráficos, podemos concluir que em média, no ano de 2002, o litro de leite entregue por este produtor foi pago a 0,3317 ; em 2003 pago a 0,3360e no ano de 2004 a 0,3409, este aumento deve-se essencialmente a tabela de pagamentos da Agros (maior quantidade > valor por litro).

Este estudo tem por objectivo dar a conhecer ao associado a evolução da sua empresa ao nível do volume de negócios.

Tem também o propósito de quantificar os investimentos realizados, os montantes globais das quantidades produzidas e os respectivos valores nas diversas actividades dos associados do Centro de Gestão.

PUB

A.D.J.

Venda e Reparação de Máquinas Agrícolas, Lda

Concessionário das marcas dos tractores

VALTRA Hürlimann



Tel.: 253 882 459 · Telm.: 917 245 166
Fax: 253 880 336

Lugar de Quiraz – Roriz
4750-654 RORIZ BCL

PUB



VINHO VERDE

Denominação de Origem Controlada

PRODUZIDO E ENGARRAFADO POR

Encostas do Condado - Produção e Comercialização de Vinhos, Lda

MONTE REAL - RIO COVO - S^a EULÁLIA - BARCELOS - PORTUGAL

Tel.: 253 833 852

Product of Portugal

Resíduos de explorações agrícolas

O que são?

Os resíduos de uma exploração agrícola são os objectos e materiais nela usados, ou que resultam de operações agrícolas, para os quais não encontramos mais utilidade, agora ou no futuro, e dos quais nos queremos desfazer.

Perante a lei, o produtor de resíduos é responsável pelo seu destino final:

“A responsabilidade pelo destino final dos resíduos é de quem os produz (...)” Decreto-Lei n.º 239/97 de 9 de Setembro.

Quais são?

Numa exploração agrícola são produzidos resíduos muito diversos em natureza e quantidade. Alguns dos mais importantes são:

Pneus usados – muitas vezes os pneus são úteis para trabalhos como segurar as coberturas dos silos; passam a ser resíduos quando já não têm utilidade para o agricultor.

Óleos usados – os óleos de lubrificação, resultantes de operações de substituição por lubrificantes novos, contêm substâncias perigosas e não devem ser derramados no solo, em linhas de água ou em fossa de efluentes, nem utilizados como combustível em queimas.

Embalagens de produtos fitofarmacêuticos – são embalagens de produtos que após utilização apresentam ainda constituintes perigosos para o homem, para os animais ou para o meio ambiente, por isso não devem seguir o mesmo destino das restantes embalagens.

Plásticos – Muitos dos plásticos utilizados nas explorações agrícolas são recicláveis. No entanto, os plásticos muito sujos, rasgados ou de embalagens de produtos tóxicos não podem ser reaproveitados.

Destino dos plásticos recicláveis

Algumas práticas relacionadas com resíduos



que recentemente eram recomendadas, são hoje em dia proibidas e penalizáveis por lei porque prejudicam o ambiente e a saúde humana, como por exemplo a queima a céu aberto.

Convém lembrar que os agricultores beneficiários das Medidas Agro-Ambientais e das Indemnizações Compensatórias têm compromissos assumidos para o cumprimento de determinadas Boas Práticas Agrícolas, designadamente fazer a recolha e concentração de plásticos, pneus e óleos.

Onde entregar resíduos?

As opções de escoamento/reciclagem de resíduos agrícolas são muito escassas, mas existem. No caso dos plásticos, quando se trate de pequenas quantidades, devem ser depositados no ecoponto mais próximo da exploração, no contentor destinado à recolha de embalagens (cor amarela).

Nas proximidades do concelho de Barcelos, em Laúndos, a empresa Benta & Benta, recebe diferentes tipos de materiais para reciclagem. Papel, cartão, pneus, desperdícios metálicos, e filme plástico (onde se inclui o vulgar plástico de estufa), podem ser entregues na empresa. A Benta & Benta faz parte

da lista de operadores licenciados pelo Ministério do Ambiente.

A empresa paga uma pequena contrapartida pelo plástico que for entregue. Se o plástico não estiver sujo, após a pesagem é feito o pagamento de acordo com uma tabela. No início do mês de Junho, por cada quilo de plástico pagava-se sete cêntimos e meio. Só no caso de grandes quantidades (superiores a mil quilos), é que a empresa se desloca à exploração para fazer a recolha do plástico.

Contacto:

Benta & Benta
Zona Industrial de Laúndos
Lotes 6 e 7
4570-311 Póvoa de Varzim
Telefone 252 607 078

Até 200 litros, os óleos usados podem ser concentrados na exploração devidamente armazenados em bidões.

Recolha de óleos usados:
Maria Amélia Silva Ferreira
Lugar de Espezes – Milhazes
Armazenagem: Lugar do Monte - Gilmonde

Quanto à recolha de embalagens vazias de produtos fitofarmacêuticos está previsto que a Sanorte, em Viatodos, venha a implementar essa recolha, mas, por enquanto, o projecto-piloto (da Associação Nacional da Indústria para a Protecção das Plantas e da Associação de Grossistas de Produtos Químicos e Farmacêuticos), ainda não está a ser posto em prática.

Nota: Informação recolhida com base em documentação da DRAEDM – Direcção Regional de Agricultura de Entre-Douro e Minho.

PUB



Campos & Dias, Lda

Máquinas e Equipamentos Agrícolas e Industriais

Distribuidor de:

Rede para atar fardos redondos **MOVTEX** e **ROLLATEX**
Filme para plastificar fardos redondos de erva **SILOTITE**

Máquinas e Equipamentos especiais
Máquinas e Tractores Usados de diversas marcas
Peças e Acessórios para todas as nossas representadas



Rua Prof. Faria Lino, 53 – Bairros – S. Tiago de Bougado · 4785-526 Trofa
Tel.: 252 416 384 / 252 412 307 · Fax: 252 414 327 · E-mail: maq.agri.cadi@iol.pt

DRAEDM apresentou proposta e defendeu transferência de chorumes

Alargamento da Zona Vulnerável a Barcelos e Esposende

A União Europeia propôs alargar muito significativamente a Zona Vulnerável, pretendendo abranger praticamente todos os concelhos da bacia do Cávado até ao Gerês. Em causa está o cumprimento da Directiva 91/676/CEE, relativa à protecção da água contra a poluição causada por nitratos de origem agrícola. O objectivo é diminuir a poluição e impedir a sua propagação. Técnicos da DRAEDM - Direcção Regional de Agricultura de Entre Douro e Minho e o sub-director regional, António Abreu, estiveram no dia 20 de Junho em Barcelos para darem a conhecer uma contraproposta a apresentar à União Europeia. Agricultores a título individual e algumas entidades representativas da agricultura estiveram na sessão que decorreu no auditório da Biblioteca Municipal. O Objectivo do encontro foi, afirmou o sub-director regional, conversar com os agricultores e sensibilizá-los para o assunto. A Direcção Regional deu a conhecer a proposta

que vai apresentar à União e que prevê que 11 freguesias de Barcelos e 11 do concelho de Esposende (as que em termos de altimetria ficam mais próximas do mar), venham a integrar a Zona Vulnerável, que já abrange Vila do Conde e a área urbana de Esposende.

As explorações agrícolas situadas em Zona Vulnerável ficam sujeitas a um conjunto de exigências e restrições, mas também beneficiam de contrapartidas financeiras para levarem a cabo as mudanças que vão ser exigidas. Terá de ser posto em prática um Plano de Acção que os agricultores vão ter de cumprir.

No concelho de Barcelos, as freguesias propostas para o alargamento da Zona Vulnerável são: **Vila Cova, Perelhal, Barqueiros (+), Fornelos, Vila Seca, Gilmonde, Milhazes, Faria, Vilar de Figos, Cristelo, e Paradela.**

No concelho de Esposende: **Belinho, S. Bartolomeu do Mar, Marinhas e Esposende (+), Gandra, Vila Chã, Palmeira de Faro, Cur-**

vos, Gemeses, Fonte Boa (+) e Rio Tinto. A opção por estas freguesias motivou perguntas e alguma discussão. Os técnicos da Direcção Regional justificaram a escolha afirmando que se trata de uma área próxima do litoral e que a Zona Vulnerável tem de ser "contínua".

Desde 2000 que o Cávado aparece como Zona Vulnerável.

Recentemente uma representante do Comité dos Nitratos da União Europeia visitou a região para conhecer a realidade tendo constatado que "não há qualquer critério de gestão de efluentes e de fertilizantes".

O Cávado já era "uma zona sensível" por causa da poluição urbana e industrial, a que se junta a poluição causada pela agricultura intensiva. A actual situação "não pode continuar", defendeu o sub-director regional, afirmando que "o grande problema é o chorume" e que "só há uma solução: transferir o chorume para outras zonas, para fora desta região".

PUB



UM GRUPO AO SEU LADO

www.creditoagricola.com

